O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños"

Emanuelle Maia de Souza
OpenSoc. CAPP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP),
Universidade de Lisboa

Artigo recebido a 01/06/2026.
Aceite para publicação a 30/09/2026.

Resumo

Este artigo analisa, a partir de uma abordagem sociológica de base etnográfica, as *performances* de dança de um grupo Roma/Cigano, com foco nas relações entre cultura, espaço urbano e processos de construção identitária. Argumenta-se que as práticas performativas articulam dimensões materiais e simbólicas da vida social, especialmente em contextos de segregação territorial, contribuindo para formas de pertencimento, controle social e reconhecimento. As *performances* são compreendidas como espaços de negociação que envolvem tanto a construção identitária quanto a ocupação simbólica e material da cidade. Nesse sentido, podem ser entendidas como práticas de resistência, na medida em que produzem visibilidades e tensionam relações relacionadas ao direito à cidade e à ampliação da presença socioespacial dos sujeitos.

Palavras-chave: Dança; Roma/Ciganos; Segregação urbana.

The Neighborhood beyond the Neighborhood: performance and urban occupation by the dance group "Los Niños"

Abstract

This article analyzes, from a sociological approach grounded in ethnography, the dance performances of a Roma group, focusing on the relationships between culture, urban space, and processes of identity construction. It argues that performative practices articulate both material and symbolic dimensions of social life, especially in contexts of territorial segregation, contributing to forms of belonging, social control, and recognition. The performances are understood as spaces of negotiation that involve both identity construction and the symbolic

MAIA DE SOUZA, Emanuelle (2026),
"O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 77 – 103.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55a3

and material occupation of the city. In this sense, they can be interpreted as practices of resistance, insofar as they produce visibility and challenge relations connected to the right to the city and the expansion of socio-spatial presence for the subjects.

Keywords: Dance; Roma; Urban segregation.

Le Quartier au-delà du Quartier: performance et occupation urbaine du groupe de danse "Los Niños"

Résumé

Cet article analyse, à partir d'une approche sociologique fondée sur l'ethnographie, les *performances* de danse d'un groupe Rom, en mettant l'accent sur les relations entre culture, espace urbain et processus de construction identitaire. Il soutient que les pratiques performatives articulent des dimensions matérielles et symboliques de la vie sociale, en particulier dans des contextes de ségrégation territoriale, contribuant ainsi à des formes d'appartenance, de contrôle social et de reconnaissance. Les *performances* sont comprises comme des espaces de négociation qui englobent à la fois la construction identitaire et l'occupation symbolique et matérielle de la ville. En ce sens, elles peuvent être interprétées comme des pratiques de résistance, dans la mesure où elles produisent de la visibilité et interrogent les rapports liés au droit à la ville et à l'élargissement de la présence socio-spatiale de sujets.

Mots-clés: Danse; Roms; Ségrégation urbaine.

El Barrio más allá del Barrio: performance y ocupación urbana del grupo de danza "Los Niños"

Resumen

Este artículo analiza, desde un enfoque sociológico basado en la etnografía, las *performances* de danza de un grupo Romani/Gitano, centrándose en las relaciones entre cultura, espacio urbano y procesos de construcción identitaria. Sostiene que las prácticas performativas articulan dimensiones materiales y simbólicas de la vida social, especialmente en contextos de segregación territorial, contribuyendo a formas de pertenencia, control social y reconocimiento. Las *performances* se entienden como espacios de negociación que implican tanto la construcción identitaria como la ocupación simbólica y material de la ciudad. En este sentido, pueden interpretarse como prácticas de resistencia, en la medida en que producen visibilidad y cuestionan las relaciones vinculadas al derecho a la ciudad y a la ampliación de la presencia socioespacial de los sujetos.

Palabras clave: Danza; Romani/Gitanos; Segregación urbana.

Introdução

A presença das populações Roma/Ciganas[1] em cidades portuguesas constitui parte integrante da diversidade cultural e social do país, sendo frequentemente atravessada por dinâmicas específicas de territorialização e circulação urbana (Nievas, 2023; Mendes, 2015; Pereira Bastos, 2020; Casa-Nova, 2021). Em diferentes contextos europeus e também nacionalmente, a organização espacial das cidades, as políticas habitacionais e as representações sociais acabam por constituir os modos como esses grupos experienciam e ocupam o espaço urbano (Castro, 2007; Powell & Lever, 2015).

Essa ocupação urbana também pode ser pensada a partir das relações que Roma/Ciganos constroem com e na cidade por meio de práticas culturais situadas. Para tal, este artigo explora, a partir de uma perspectiva sociológica, o caso do grupo "Los Niños", um coletivo de dança composto por crianças e jovens Roma/Ciganos do bairro Horta da Areia, em Faro, Portugal, cuja atuação se desenvolve em diferentes contextos institucionais e espaços públicos da cidade.

Metodologicamente, a investigação adota uma abordagem qualitativa através da etnografia, que viabiliza a produção de dados graças à proximidade e continuidade junto aos sujeitos participantes da investigação (Gold, 1997). Para este artigo, o trabalho de terreno foi desenvolvido no bairro Horta da Areia, localizado na cidade de Faro, contexto urbano marcado pela presença de populações socialmente vulnerabilizadas, entre as quais famílias Roma/Ciganas. Nesse território acompanhou-se a atuação do grupo infanto-juvenil de dança "Los Niños", criado no âmbito das atividades socioculturais promovidas pelo Centro Comunitário Horta da Areia, vinculado à Fundação Vítor Morais Reis.

Ainda no âmbito dos procedimentos metodológicos, assume-se que mesmo etnografias de pequena escala (Nader, 2011) podem adquirir maior alcance analítico quando interpretadas

[1]Utiliza-se, ao longo do artigo, a categoria "Roma/Ciganos" como convenção para referir simultaneamente dois usos distintos. Por um lado, "Roma" remete para a identidade coletiva constituída no *First Romani Congress*, realizado em 1971, em Londres, que impulsionou um processo de transnacionalização e a adoção de símbolos formais de nação, como a bandeira, o hino e uma linguagem padronizada (Surdu & Kovacs, 2015). Por outro lado, "Ciganos" refere-se ao termo de autodeterminação utilizado pelos interlocutores da investigação.

MAIA DE SOUZA, Emanuelle (2026),
"O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 77 – 103.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55a3

em articulação com processos sociais e políticos mais amplos. Nesse sentido, o foco desta investigação no grupo em questão justifica-se também pelo contexto europeu contemporâneo de fortalecimento da presença Roma/cigana no campo artístico e cultural, marcado pela ampliação de formas de reconhecimento que buscam evidenciar dimensões culturais e estéticas para além das narrativas historicamente centradas na exclusão social e política.

Considera-se, nesse cenário, o surgimento de um importante ator institucional com a criação da associação *European Roma Institute for Arts and Culture*, fundada em abril de 2017, na Alemanha, com apoio do Conselho da Europa e voltada à promoção de intercâmbios transfronteiriços em torno das artes e das identidades Romani na Europa. Iniciativas como essa evidenciam a crescente centralidade da cultura e da *performance* nos processos contemporâneos de reconhecimento público, embora, no campo político, sejam alvo de contestações, sobretudo em razão da centralidade atribuída às artes em detrimento de agendas consideradas mais inclusivas politicamente, bem como das disputas em torno da construção das identidades políticas Roma mobilizadas nesses contextos (Magazzini, 2016).

Embora esse debate macroinstitucional e político-identitário exceda o escopo deste artigo, a investigação aqui proposta insere-se nesse contexto ao articular estudos da *performance*, antropologia da dança e sociologia urbana, buscando compreender crianças e jovens Roma/Ciganos como produtores ativos de cultura e agentes na construção simbólica da cidade. Trata-se, assim, de refletir sobre como a dança do grupo opera como prática performativa capaz de ampliar circuitos de circulação urbana e produzir novas formas de pertencimento e reconhecimento social.

Justifica-se a relevância deste estudo pelo pressuposto de que, ao atuar em espaços amplamente reconhecidos da cidade, tais como universidades, teatros e escolas, o grupo ultrapassa os limites físicos e simbólicos historicamente associados ao bairro, tensionando fronteiras sociais que frequentemente condicionam a circulação, a visibilidade e o reconhecimento das populações Roma/Ciganas no espaço urbano. Nessa perspectiva, e em diálogo com a concepção de espaço social (Lefebvre, 1991), compreende-se a cidade como

produto de relações sociais desiguais e das relações entre grupos sociais e distribuições espaciais (Park, 1915). Além disso, ao ter em conta a relação entre espaços físicos e efeitos simbólicos, destaca-se que práticas performativas como a dança são estéticas, mas também relacionais (Hanna, 1999), por isso não podem reconfigurar formas de interação, ocupação dos espaços e pertencimento urbano.

Por meio da *performance*, as crianças e jovens do grupo ampliam a sua presença no espaço público e podem reconfigurar as formas como a população Roma/Cigana é percecionada, convertendo espaços institucionais em arenas de encontro. Assim, a *performance* pode ser representação cultural e também atua como prática social (Schechner, 2020) que amplia o território de pertencimento desses jovens, configurando aquilo que este artigo denomina aqui como "o bairro além do bairro".

Nesse sentido, as questões que orientam a reflexão são: de que forma a dança opera como prática de deslocamento e inscrição urbana de dançarinos Roma/Ciganos para além do seu próprio bairro? E como é que as *performances* participam na reconfiguração de espaços institucionais enquanto arenas de convivência intercultural?

1. Procedimentos metodológicos

A abordagem metodológica deste artigo é qualitativa, com recurso principal à etnografia, tendo como técnicas de recolha de dados observações não participantes, conversas informais (Swain & King, 2022) e notas de terreno registadas em diários de bordo. A escolha por uma abordagem qualitativa nesta investigação está alinhada com a compreensão de que a sociologia qualitativa constitui, para além de um conjunto de técnicas de recolha e análise de dados, uma espécie de "pacote epistemológico" que articula teoria, método e escrita de maneira integrada (Benzecry, 2023). A investigação qualitativa permite captar a complexidade das experiências sociais, respeitando as interpretações dos sujeitos e o contexto relacional em que estão inseridos.

MAIA DE SOUZA, Emanuelle (2026),
"O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 77 – 103.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55a3

A produção dos dados baseou-se na observação direta (Costa, 1987) de apresentações abertas ao público do grupo "Los Niños" no período de março de 2025 a abril de 2026, em diferentes contextos institucionais, como a Universidade do Algarve, o Teatro das Figuras, a Escola Básica Doutor Joaquim Rocha Peixoto Magalhães e a sede da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, I.P. (CCDR Algarve).

O acesso ao grupo, em particular ao circuito de ensaios e ao calendário de apresentações, insere-se no contexto mais amplo da investigação de doutoramento em Sociologia, desenvolvida pela autora no bairro Horta da Areia, no município de Faro, território de origem e sociabilidade dos integrantes do "Los Niños". A inserção prévia da investigadora no contexto local possibilitou a construção gradual de relações de proximidade e confiança com os moradores, condição particularmente relevante em investigações que recorrem à etnografia como principal recurso metodológico. Nesse sentido, o conhecimento prévio das dinâmicas quotidianas do bairro, bem como dos espaços de ensaio e convivência do grupo, favoreceu não apenas o acesso empírico às atividades performativas, mas também uma compreensão mais situada das relações entre território, sociabilidade, pertença e produção cultural que atravessam a experiência dos jovens participantes.

As apresentações fizeram parte de eventos culturais, de iniciativas promovidas por entidades locais e outras ocasiões em que o grupo foi convidado a apresentar-se. Durante essas situações, procurou-se registar as dinâmicas de interação entre os jovens participantes, os mediadores institucionais e o público presente, de modo a compreender como a *performance* da dança se articula com processos de visibilidade social, construção identitária e apropriação do espaço urbano.

O grupo constitui o principal foco empírico deste artigo, sendo analisado enquanto expressão cultural e prática de ocupação simbólica do espaço urbano, e justificado pelo facto do coletivo "Los Niños" ser conhecido no seu território de origem e ter papel marcante em eventos públicos que envolvem o bairro[2]. Além disso, considera-se que as suas características

[2] A rigor, eventos públicos que contam com a participação ou organização dos técnicos da Fundação Vitor Morais Reis presente na Horta da Areia, mas também parcerias com entidades locais.

MAIA DE SOUZA, Emanuelle (2026),
"O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 77 – 103.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55a3

socioculturais são resultados das interações entre os membros do bairro (vizinhos, famílias, etc.) em que vivem e com a sociedade como um todo (Gold, 1997).

As observações foram sistematizadas por meio de notas de campo escritas, elaboradas ao longo do acompanhamento das atividades do grupo, permitindo registrar impressões, interações e elementos relevantes das *performances* observadas (Sanjek, 2001). A análise do material empírico foi orientada por uma perspectiva interpretativa, buscando compreender a dança não apenas como manifestação artística, mas como prática social produtora de significados sobre identidade, pertença e presença na cidade. As interpretações dialogam ainda com o contexto empírico de onde desenvolvem suas atividades.

1.1. Caracterização do contexto empírico: o bairro Horta da Areia e o grupo "Los Niños"

O contexto empírico desta investigação é o bairro Horta da Areia, território marcado por processos históricos de urbanização periférica e por desigualdades socioespaciais que condicionam formas diferenciadas de circulação, visibilidade e reconhecimento no espaço urbano. Entre os grupos que compõem esse contexto, destacam-se as famílias Roma/Ciganas, historicamente associadas a dinâmicas de marginalização territorial e simbólica.

Trata-se de uma zona residencial localizada entre a linha do comboio de Faro e a Ria Formosa e, portanto, geograficamente às margens da cidade, cujo território é caracterizado como um conjunto habitacional com fins sociais, composto por moradias pré-fabricadas edificadas em alvenaria. Há também barracas que foram erguidas ao longo do tempo de ocupação e encontram-se em avançado estado de degradação. O bairro foi criado em 1975 como uma solução habitacional temporária para acolher aqueles que retornavam das antigas colónias a Faro, porém, ao longo dos anos, tornou-se uma ocupação permanente, embora não se tenha registos históricos precisos quanto à ocupação das pessoas Roma/Ciganas ali residentes.

Os dados disponíveis mais recentes sobre a ocupação do bairro foram obtidos em 2014 (Martins & Lucio-Villegas, 2014), segundo os quais se assinala a existência de 230 habitantes, distribuídos por 65 agregados, dos quais a maioria é de famílias Roma/Ciganas e cujas fontes

principais de rendimento são negócios de subsistência diária, Rendimento Social de Inserção (RSI) e alguns contratos de trabalho por conta de outrem.

A localização do bairro é um dos seus aspetos mais sensíveis. Situado junto à Ria Formosa, beneficia de uma vista privilegiada e de uma envolvente que inclui escolas, supermercados, espaços verdes e equipamentos culturais. Esta valorização urbanística aumenta a pressão da especulação imobiliária sobre a zona, tornando ainda mais urgente a definição de estratégias de realojamento e inclusão. Todavia, em termos de infraestrutura, nota-se o avançado grau de deterioração das casas, a ausência de sistema de saneamento básico, além da presença de lixo nas ruas de chão de barro.

Estas são condições que podem ser percebidas como retrato da falta de manutenção da infraestrutura das casas, que pertencem à Câmara Municipal de Faro. Além disso, há o crescimento desordenado, com a inclusão de barracas improvisadas devido ao aumento da demanda por expansão dos agregados e ausência de planos públicos para a melhoria da região. À medida que as casas se aproximam da Ria Formosa, surgem outras fragilidades que afetam diretamente a qualidade das habitações, como a humidade e a infestação de ratos.

Diferentemente de vários bairros socialmente vulneráveis, em que geralmente residem pessoas Roma/Ciganas que, dentre outras dificuldades, carecem de estruturas institucionais permanentes, o Bairro da Horta da Areia distingue-se pela presença ativa do Centro Comunitário Horta da Areia, da Fundação Vitor Morais Reis, que funciona como um espaço de mediação entre os moradores e um conjunto de entidades locais, como a Câmara Municipal de Faro, a Universidade do Algarve e a Rede Europeia Anti-Pobreza (EAPN), além de outras organizações e projetos de intervenção social.

Nesse contexto, o Centro Comunitário atua como um importante espaço de mediação institucional e dinamização sociocultural no bairro, promovendo iniciativas voltadas para o fortalecimento das redes comunitárias e para o desenvolvimento de atividades educativas e culturais direcionadas à população residente. Foi precisamente no âmbito desse trabalho socioeducativo que surgiu o grupo juvenil de dança "Los Niños", criado como estratégia de

envolvimento dos jovens do bairro em práticas artísticas e culturais que favorecessem o fortalecimento da autoestima, da participação social e da valorização das suas referências culturais.

O grupo foi criado há mais de dez anos e, inicialmente, era composto apenas por meninas e jovens mulheres, adotando o nome "Las Niñas". Posteriormente, com a entrada de meninos e rapazes do bairro, o coletivo passou a chamar-se "Los Niños", denominação que permanece até hoje. Atualmente, o grupo é formado por aproximadamente sete meninos e rapazes (sendo que um deles participa principalmente nas aberturas das apresentações, realizando *performances* de *beatbox*[3]) e seis meninas e jovens mulheres, todos e todas residentes com suas famílias no bairro Horta da Areia, em Faro. A faixa etária dos participantes varia entre 5 e 18 anos.

A iniciativa partiu do diretor do Centro Comunitário Horta da Areia, com o objetivo de articular o trabalho socioeducativo desenvolvido no centro com uma forma de valorização e divulgação cultural do bairro e dos seus moradores. Os ensaios ocorrem nas imediações do próprio centro comunitário, sob orientação de uma das técnicas da instituição, responsável pela coreografia, maquiagem e figurino das apresentações.

2. Enquadramento teórico

O enquadramento teórico deste artigo articula duas dimensões complementares: por um lado, a dança enquanto prática performativa de produção de identidades e significados sociais (Hanna, 1999; Schechner, 2020); por outro, a cidade enquanto espaço marcado por desigualdades socioespaciais que condicionam as possibilidades de visibilidade, circulação e reconhecimento de determinados grupos sociais (Lefevbre, 1991; Park, 1915). Parte-se do pressuposto de que as *performances* corporais não podem ser analisadas de forma dissociada dos contextos urbanos, históricos e políticos em que emergem.

[3] Percussão vocal que simula sons eletrônicos com a boca e mãos. Do inglês, quer dizer "caixa de batidas".

Assim, compreender a atuação do grupo "Los Niños" implica considerar simultaneamente os processos simbólicos envolvidos na construção de pertenças étnicas e culturais através da dança, bem como as dinâmicas socioterritoriais que atravessam as populações Roma/Ciganas no espaço urbano. Desse modo, corpo e cidade aparecem como dimensões interligadas, nas quais identidades são continuamente produzidas, negociadas e visibilizadas.

2.1. *Performance,* corpo e identidade

A *performance* expressa e produz identidades, uma vez que pode contar histórias através dos corpos (Schechner, 2020). Assim, cada *performance* aciona circunstâncias históricas, tradições, marcas culturais, expressões de género, do mesmo modo como reflete as escolhas pessoais de quem a interpreta. O corpo pode ser percebido como lugar de memória, identidade e, a depender do contexto, pode também expressar resistência. No caso do grupo "Los Niños", essa dimensão da *performance* como marca identitária torna-se visível quando mobiliza uma noção estética presente no imaginário social associada à dança "cigana", expressa no uso das palmas, das flores no cabelo e de uma expressividade frequentemente vinculada ao *flamenco* espanhol. Embora existam múltiplas manifestações artísticas Roma em diferentes países, esta imagem pública da dança cigana é amplamente mediada pela tradição andaluza.

O corpo, na e pela dança, constitui-se como um lócus significativo de práticas e representações, sendo continuamente produzido por meio de movimentos que se diferenciam contextual e historicamente. Esses movimentos podem ser compreendidos como linguagens não verbais, na medida em que exteriorizam relações com o corpo e, indissociavelmente, relações entre corpo e sociedade, muitas vezes naturalizadas no uso quotidiano (Hanna, 1999). Ao agir performativamente, a dança possibilita "contar histórias" que expressam no corpo valores, normas e sentidos socialmente compartilhados.

Nesse processo, as representações mobilizadas pela dança não apenas comunicam narrativas, mas também participam na construção das identidades dos sujeitos que dançam. Tais identidades englobam os recortes de género e outros marcadores sociais, como classe,

raça/etnia, entre outros. A identidade, por sua vez, configura-se como um processo dinâmico marcado pela diferença e multiplicidade, constituído através de experiências culturalmente situadas e mediado por relações de poder que articulam subjetividades individuais com narrativas coletivas (Brah, 2006). Portanto, esses diferentes eixos identitários reconfiguram-se de maneiras diversas conforme os contextos culturais e acabam por influenciar os grupos sociais e as modalidades ou estilos de dança, evidenciando o caráter relacional, situado e histórico tanto das práticas corporais quanto das identidades que nelas se produzem.

Segundo Kaeppler (2000), a dança pode ser percebida sobretudo como um modo de estruturação de movimentos do corpo no tempo e no espaço. Atendendo às dimensões "invisíveis" do fenómeno que se constroem a partir de sistemas de conhecimento em contextos sociais e políticos específicos, importa atentar ao lugar social que assume, nomeadamente nas negociações em torno das tradições e nos processos de reprodução dos movimentos. Historicamente, a dança tem sido utilizada como uma ferramenta analítica na compreensão de rituais e celebrações religiosas em contextos considerados "não-ocidentais", nomeadamente por parte dos estudos da antropologia da dança.

Para os fins deste artigo, adota-se a premissa de que não há um género de dança homogéneo que possa ser denominado de "dança cigana" em sentido estrito. Conforme argumenta Lorenzoni (2018), existem múltiplas manifestações corporais distribuídas em distintos contextos socioculturais, entre as quais se destacam as práticas investigadas na Índia (Kalbeliya), Egito (Ghawazee), Turquia (Roman Havasi e Ciftetelli), Rússia (Russka Roma), Romênia (Çingerdi e Manea), Hungria (Cigány Tánc), Grécia (Tsiftetelli), países dos Bálcãs (Čoček e Kolo), Portugal, Espanha, França (Rumba), Iraque (Kawliya) e Brasil (Romanês e Rumba Brasileira).

Embora estas danças se apresentem como aproximações formais em suas gramáticas de movimento, tais convergências não implicam uniformidade estética ou ontológica em consonância com a heterogeneidade histórica e cultural das populações Roma à escala global. Estas manifestações podem ser compreendidas tanto como expressões de pertencimento quanto como práticas performativas inscritas em calendários nacionais e associadas a

festividades religiosas e ritualísticas dos países de origem. Ou ainda, podem ser encaradas como géneros, nomeadamente como "dança cigana cênica", tal como é referido por Lorenzoni (2018), concebendo-a como uma construção estética transponível, dissociada da pertença étnica dos sujeitos que a executam.

Além disso, as danças podem integrar processos mais amplos de construção simbólica do nacionalismo (Shay & Sellers-Young, 2016), sobretudo quando são incorporadas em calendários oficiais de celebrações públicas, festividades cívicas ou políticas culturais estatais. Nesses contextos, determinadas práticas corporais passam a ser enquadradas como representação de uma identidade coletiva nacional, funcionando como emblemas culturais capazes de condensar narrativas históricas, valores morais e imaginários de pertença. A institucionalização dessas danças, por meio da criação ou do fomento de companhias nacionais, festivais patrocinados pelo Estado ou programas educativos, contribui para estabilizar certas formas estéticas como "tradicionais" ou "autênticas", ainda que tais classificações resultem de projetos estéticos seletivos e historicamente situados (Aterianus-Owanga *et al*., 2019).

Este enquadramento nacionalizante envolve não apenas a coreografia, mas também a padronização de figurinos, repertórios musicais e instrumentos considerados típicos, compondo uma gramática visual e sonora que reforça a ideia de continuidade cultural e unidade identitária. Ao serem apresentadas como expressões da "alma nacional", essas danças participam na produção de uma memória coletiva compartilhada, ao mesmo tempo em que essa construção nacional de "comunidade imaginada" (Anderson, 1993) pode promover o apagamento da diversidade interna, das influências interculturais e das disputas que atravessam a sua própria constituição histórica.

No caso das populações Roma/Ciganas, esse processo assume contornos particularmente complexos. Em diferentes países, práticas associadas a esses grupos foram apropriadas e integradas às narrativas culturais nacionais, por vezes, descoladas dos seus contextos sociais de origem ou desvinculadas dos próprios sujeitos que as produziram.

Diferentemente dos grupos nacionais de dança que operam sob a chancela explícita de representar uma identidade homogénea do país, "Los Niños" ainda parecem estar distantes de serem percebidos como emblema da cultura portuguesa. No entanto, são, sem dúvida, uma expressão situada de uma pertença étnica e territorial específica que, ao ocuparem certos espaços institucionais, participam na ampliação do imaginário cultural da cidade.

Se, até aqui, a dança foi analisada enquanto prática de construção identitária e simbólica, importa agora situá-la no espaço urbano, considerando as condições socioespaciais que moldam as possibilidades de circulação, visibilidade e participação das populações Roma/Ciganas na cidade.

2.2. Configuração socioespacial da cidade e segregação das populações Roma/Ciganas

Numa das mais clássicas abordagens envolvendo etnografias e as cidades, Park (1915) argumenta que a cidade se encontra enraizada tanto nos hábitos e nos costumes das pessoas que a habitam quanto na sua infraestrutura física, sendo, portanto, fundamental compreender como a interação entre essas dimensões se transforma mutuamente ao longo do tempo. Desse modo, chama-se à atenção para a forma como diferentes grupos sociais se distribuem espacialmente na cidade, sobretudo os mais pobres, que são frequentemente excluídos de certas áreas urbanas. Esses processos contribuem para a formação de zonas urbanas com usos específicos e socialmente diferenciados, como áreas destinadas a moradias de alto padrão ou a atividades económicas específicas. De maneira homóloga, Lefebvre (1991) destaca que não há como pensar qualquer espaço físico como neutro ou objetivo. Nesse sentido, a produção do espaço social dá-se pelas interações, pelas relações de poder estabelecidas nos territórios.

No caso do bairro Horta da Areia, essa dinâmica de produção socioespacial manifesta-se nas relações entre a configuração espacial do bairro na cidade e a constituição das redes de vizinhança. Estas podem ser observadas tanto entre as famílias que residem no bairro há mais tempo, quanto entre os novos agregados familiares que se formam através de casamentos e que tendem a permanecer no território, frequentemente acompanhados pela construção de

novas barracas. Observa-se ainda a articulação entre as famílias e o Centro Comunitário sediado no próprio bairro. Esta perspetiva permite-nos compreender como a organização do espaço urbano influencia a produção de relações sociais quotidianas, estruturadas por sentimentos de pertença, histórias partilhadas e formas de identificação com o território habitado (Park, 1915).

Para os habitantes, existem dificuldades persistentes no acesso à habitação de qualidade, ao emprego e a equipamentos socioculturais, o que indica que a distribuição espacial dos recursos urbanos pode ser ainda profundamente desigual em termos de tecidos urbanos. Por outro lado, há relatos (conversas informais) em que moradoras afirmam ser preteridas em entrevistas de emprego ao mencionarem que moram no bairro e/ou que são pessoas Roma/Ciganas, aspectos que narram também como a construção simbólica da sociedade envolvente sobre os territórios podem ser nocivos a determinados grupos.

Essa desigualdade de acesso engloba também a presença de economias de caráter informal, frequentemente associadas às condições estruturais de precariedade socioeconómica e às limitações no acesso ao mercado de trabalho formal. Estas dinâmicas podem ser enquadradas na noção de "pragmatismo da sobrevivência" (Guerra, 2008), a qual remete para estratégias quotidianas de adaptação desenvolvidas pelos indivíduos. Tal perspetiva evidencia, ainda, formas persistentes de desproteção social por parte do Estado, que contribuem para a reprodução de desigualdades e para a consolidação de trajetórias marcadas pela insegurança económica e social.

Neste sentido, compreender as condições contemporâneas de exclusão Roma exige reconhecer que a sua posição frequentemente periférica nas sociedades europeias não resulta de características intrínsecas, mas de dinâmicas históricas de perseguição, controle e desigual acesso a direitos e recursos sociais (Powell & Lever, 2015).

A segregação urbana das populações Roma/Ciganas constitui um fenómeno persistente em diferentes regiões de Portugal (Mendes, 2005; Castro, 2007; Ferreira, 2014), evidenciando padrões recorrentes de marginalização espacial e social. A literatura aponta para a

continuidade de processos históricos de exclusão, frequentemente materializados na concentração destas populações em bairros sociais ou em outros territórios marcados por vulnerabilidade socioeconómica, como será apresentado a seguir para efeitos comparativos.

Na sua investigação sobre os ciclos de exclusão habitacional de populações Ciganas nas regiões do Centro e do Alentejo em Portugal, Alexandra Castro (2007) evidencia que as famílias estudadas em situação de mobilidade nómada e residindo em tendas encontravam-se frequentemente instaladas em áreas periféricas das localidades, caracterizadas pela ausência de infraestruturas básicas como saneamento, água canalizada ou eletricidade. Na grande parte dos casos, estas famílias nunca habitaram uma habitação formal ou, quando o fizeram, foi em contextos de ocupação irregular, permanecendo a posse legal do terreno ausente.

Neste contexto, os moradores permanecem sujeitos a pressões recorrentes por parte das autoridades locais para a desocupação dos espaços, excepto nos casos em que existem acordos tácitos estabelecidos com proprietários públicos ou privados, evidenciando a instabilidade estrutural que caracteriza estas formas de habitar o território. De maneira muito similar, como evidenciado na investigação sobre uma família em passagem por Montemor-o-Novo, de Nievas (2023), que ocupa diversas cidades na região central do Alentejo, um dos critérios que utilizam para mudarem de sítio são informações sobre o nível de vigilância policial nos territórios.

No caso dos bairros sociais, outra realidade comum a pessoas Roma/Ciganas em Portugal, Ferreira (2014) analisa os efeitos da estigmatização e da exclusão social no bairro de Santa Tecla, em Braga, evidenciando como este espaço, ao invés de promover integração, perpetua a marginalização dos seus moradores. A autora argumenta que os residentes já chegam a estes bairros com uma fraca inserção no espaço urbano e no mercado de trabalho, e acabam reforçando uma condição de exclusão social difícil de romper.

Os bairros, concebidos pelas entidades públicas apenas como soluções físicas de habitação, desconsideram os aspectos culturais e sociais necessários à integração com a cidade

envolvente. Além disso, o estigma étnico, especialmente em bairros com forte presença de pessoas Roma/Ciganas, contribui para a fragmentação interna, levando moradores não-Ciganos a adotarem estratégias de distanciamento e de segregação, o que aprofunda ainda mais a desintegração social no quotidiano desses espaços.

Mendes (2005), ao estudar o bairro São João de Deus, no Porto, evidencia o processo de estigmatização associado à população Roma/Cigana residente, embora esta não represente a maioria dos moradores. O bairro, marcado por problemas como o tráfico e o consumo de drogas, foi frequentemente rotulado como "bairro cigano", o que reforça estereótipos negativos ligados a esta etnia. A autora demonstra como esta associação injusta intensifica o preconceito e contribui para a marginalização simbólica das pessoas Ciganas.

Além disso, a análise da ocupação do território segundo divisões de género revela dinâmicas espaciais distintas: enquanto os homens mantêm espaços de sociabilidade próprios e circulam com maior liberdade fora do bairro, as mulheres tendem a permanecer restritas ao espaço residencial, saindo apenas para tarefas pontuais, como levar os filhos à escola, visitar familiares ou tratar de assuntos burocráticos que não são assumidos pelos homens. Esses padrões evidenciam que, além da segmentação étnica, há também questões pertinentes quanto às desigualdades de género na mobilidade e no acesso aos espaços urbanos.

Tal como ressaltado por Vitale (2018), o espaço não é apenas um contentor da população, mas também um lugar de oportunidades e de recursos que intervêm na dimensão simbólica do capital social dos indivíduos. Nesse ponto, aborda-se também a ambiguidade da visibilidade das pessoas Roma/Ciganas nas cidades, que, segundo o autor, são vistas, mas não da maneira como são de facto. Por outras palavras, estas pessoas não têm o reconhecimento social, sendo percebidas de maneira reificada, como objetos incorporados a uma espécie de "cenário comum da cidade".

Os modos de ocupação do espaço urbano devem ser compreendidos não apenas como resultado de trajetórias individuais (ou familiares), mas como expressão de processos mais amplos de produção desigual do espaço urbano, nos quais determinados grupos são

sistematicamente empurrados para margens territoriais e simbólicas da cidade. A abordagem da etnografia urbana, como demonstrado nos estudos de Mendes (2005) e Ferreira (2014), evidencia a forma como as pessoas Roma/Ciganas se inserem na sociedade envolvente, tanto em termos objetivos, relacionados às suas condições concretas de vida, quanto em termos subjetivos, refletidos nas interações sociais e nas representações que delas emergem.

Embora, no contexto europeu, e especialmente em Portugal, as dificuldades relacionadas à habitação não sejam exclusivas das populações Roma/Ciganas, tais etnografias revelam como as formas de ocupação urbana desses grupos podem funcionar como indicadores dos níveis socialmente reconhecidos de "integração". Historicamente, essa ocupação esteve frequentemente associada ao nomadismo forçado, a bairros improvisados com habitações precárias, a áreas periféricas das cidades ou a territórios segregados, como os bairros sociais, com exceção daqueles considerados socialmente mais integrados (Magano, 2010).

É precisamente neste contexto de desigualdade socioespacial e de disputas em torno da presença Roma/cigana na cidade que se insere a experiência do grupo de dança "Los Niños". As notas etnográficas apresentadas a seguir procuram evidenciar como a circulação do grupo por diferentes espaços institucionais e culturais da cidade de Faro permite observar formas específicas de visibilidade, reconhecimento e ocupação simbólica do espaço urbano.

3. Notas etnográficas: o grupo "Los Niños" e os espaços de apresentação

A análise apresentada em seguida baseia-se em notas etnográficas produzidas ao longo do acompanhamento das apresentações do grupo de dança "Los Niños" em diferentes espaços institucionais e culturais da cidade de Faro. Busca-se, a partir da breve descrição dos ambientes, das interações e das *performance*s observadas, dar a conhecer as trajetórias de circulação do grupo por diferentes contextos urbanos.

De maneira geral, as *performances* de dança do grupo "Los Niños" têm a duração de aproximadamente 30 min., articulando elementos coreográficos ensaiados, repertório musical em língua espanhola e marcadores visuais popularmente associados à estética da

dança Roma/cigana, como o uso de vestidos longos, de tecidos brilhantes ou com cores que variam principalmente entre vermelho e preto, adornos florais nos cabelos para as meninas e jovens mulheres e acessórios como pulseiras, colares e brincos; já para os meninos e rapazes, as roupas possuem cores mais claras e geralmente usam camisas de botão.

A musicalidade, centrada em narrativas de amor e paixão, ainda que não se traduza diretamente nos gestos dos dançarinos, contribui para a constituição de uma carga dramática que atravessa toda a *performance*. Esta dimensão participa na produção de uma atmosfera sensível que, no contexto observado, é por vezes reconhecida por meio de referências ao *flamenco*. Além disso, a abertura das apresentações do grupo pode incluir uma *performance* de *beatbox* realizada por um dos rapazes, evidenciando tanto o caráter contemporâneo do espetáculo em contraste com os repertórios coreográficos associados a matrizes mais tradicionalmente codificadas, bem como a promoção da atualização de identidades em curso.

Relativamente à corporalidade, esta caracteriza-se pelo uso das palmas a acompanhar o ritmo da música, com as mãos a desenhar movimentos circulares e fluidos e giros suaves dos pulsos. Na organização coreográfica, dançam em pares, alternando entre meninas e meninos com destaque na *performance* e ainda em forma de uma grande roda. Um fator que reforça a dimensão rítmica e relacional da dança é que, durante as apresentações, o momento da roda é um convite para a adesão de espectadores. Dessa forma, os bailarinos convidam as pessoas que estão na apresentação para dançarem juntos. Estes elementos são marcantes em termos de identidade e presença do grupo no espaço da apresentação.

Este convite sistemático à participação do público é um aspecto central das dinâmicas de apresentação do grupo. Ao "ensinar" passos simples e incentivar, sobretudo, a presença de mulheres na dança, o grupo desloca a posição do espectador de um papel passivo para uma condição de coparticipação. Esse gesto performativo dilui as fronteiras entre palco e plateia, convertendo a apresentação numa experiência coletiva e compartilhada.

Esta experiência foi notada desde a primeira apresentação formal registada pela investigadora, na qual tal dinâmica atraiu a atenção de pessoas que, inicialmente, apenas

transitavam pelo local, produzindo, naquele momento, uma interrupção do quotidiano das pessoas que ocupavam aquele espaço. Tratava-se de um evento promovido pela Universidade do Algarve, que integrou também uma exposição fotográfica chamada "Cultura do Bairro Horta da Areia através do olhar único das mulheres desta comunidade", realizado no *hall* de entrada da Escola Superior de Educação e Comunicação, no Campus da Penha, em março de 2025. Nesse espaço, tradicionalmente associado à circulação funcional e académica, a apresentação do grupo tomou parte do *hall* e transformou-o num lugar de encontro, visibilidade e interação intercultural entre bailarinos, funcionários e alunos.

Esta dinâmica de participação do público tornou-se mais evidente na atuação do grupo no Teatro das Figuras, em Faro, ocasião em que estiveram presentes apenas algumas das integrantes mais jovens. O grupo participou como convidado na peça "Carmen, me sem! Carmen, sou eu!", dirigida por José Laginha e produzida pelo grupo DeVIR CAPa de Teatro. O local trata-se de um teatro consagrado da cidade, dotado de infraestrutura técnica de alta qualidade, incluindo um palco de grandes dimensões, sistema de iluminação e sonorização adequados a produções de maior escala.

Nesse sentido, a *performance* integrou a peça num palco profissional, que convencionalmente tende a sugerir uma distinção mais marcada entre palco e plateia. Ainda assim, a dança em roda opera como um dispositivo de reorganização momentânea dessas relações, atenuando parcialmente as fronteiras convencionais entre quem executa e quem assiste. A apresentação tende a produzir situações nas quais familiares, membros da comunidade e outros participantes não especializados são progressivamente convocados a ocupar o espaço performativo.

Além disso, essa participação envolveu também outras mulheres do bairro Horta da Areia que não integram o grupo de dança, através da partilha de depoimentos gravados sobre as suas histórias pessoais de casamento. O tema foi escolhido para dialogar com o enredo da peça, que trata da história de amor de uma Cigana espanhola, a Carmen. Este envolvimento incentivou muitas delas a frequentarem o teatro pela primeira vez, ao mesmo tempo que o

próprio espaço se constituiu como "palco", ainda que momentaneamente, para a expressão das suas identidades e histórias.

A apresentação posterior ocorreu no âmbito do lançamento do livro *"*A Participação Cívica em Portugal*"*, do professor José Carlos Mota, realizado no auditório da Escola Básica Doutor Joaquim Rocha Peixoto Magalhães. A escolha deste espaço revelou-se significativa, sobretudo em função do tema do evento sobre a construção de formas de participação democrática interculturais, inclusivas e pluralistas, e ainda pela relação concreta da escola com o bairro Horta da Areia: trata-se da escola básica localizada mais próxima ao bairro, de onde provêm muitos dos seus alunos, incluindo alguns dos dançarinos, que neste dia se apresentaram perante colegas, professores e convidados num espaço que integra o seu quotidiano escolar. Nesse contexto, a presença cigana deixou de ocupar uma posição meramente ilustrativa ou representacional no evento, tornando-se parte constitutiva da própria reflexão proposta pelo lançamento do livro.

No espaço da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, I.P. (CCDR), a *performance* integrou o evento em homenagem ao Dia Internacional da Pessoa Cigana, assinalado a 8 de abril, no contexto mais amplo da XII Semana da Interculturalidade da Rede Europeia Anti-Pobreza – Portugal (EAPN). A programação incluiu ainda a inauguração da exposição "10 Mulheres, 10 Percursos, 10 Retratos", composta por obras produzidas por mulheres Roma/Ciganas e não-Roma/Ciganas no âmbito de um projeto desenvolvido pela EAPN, bem como a realização de um debate com empresários locais sobre a empregabilidade de pessoas Roma/Ciganas, centrado na partilha de experiências relacionadas com formação profissional e inserção no mercado de trabalho a partir das suas próprias perspectivas. A apresentação do grupo "Los Niños" encerrou a atividade, transformando temporariamente um espaço político-institucional em palco performativo. Nesse contexto, a presença artística dos dançarinos e dançarinas, de alguma maneira, inscreve publicamente a presença cigana num espaço associado à formulação e mediação de políticas públicas.

MAIA DE SOUZA, Emanuelle (2026),
"O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 77 – 103.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55a3

4. Resultados: Visibilidade da juventude Roma/Cigana, segregação urbana e a arte como estratégia de mediação intercultural

A etnografia das apresentações realizadas pelo grupo em espaços institucionais evidencia que a dança, enquanto prática artística, pode configurar-se como estratégia de ocupação simbólica e de negociação dos espaços, pois estes são construídos socialmente. Nesse contexto, as instituições culturais, académicas e públicas podem ser compreendidas enquanto espaços sociais, nos termos propostos por Lefebvre (1991), funcionando como instâncias autorizadas de validação e reconhecimento. Mais do que simples cenários físicos, estes espaços mobilizam hierarquias de prestígio, legitimidade e visibilidade social, produzindo efeitos concretos sobre a forma como sujeitos, práticas culturais e trajetórias comunitárias passam a ser percebidas publicamente. Assim, a inserção do grupo em circuitos institucionais de circulação cultural contribui para ampliar a sua credibilidade social e a sua inscrição em redes culturais da cidade, bem como conhecer os equipamentos culturais locais e mover o "bairro além do bairro".

Através do envolvimento com a dança, os dançarinos e dançarinas, bem como os seus familiares, deslocam-se do seu território de origem e atravessam diferentes regiões urbanas, reconfigurando a sua presença em espaços historicamente mais afastados (tanto material como simbolicamente) da população Roma/Cigana. Este movimento implica uma circulação que não é apenas geográfica, mas também social e institucional, permitindo a entrada em contextos como *halls* universitários, teatros e auditórios escolares.

Esses ambientes institucionais são, assim, progressivamente ressignificados, deixando de ser apenas espaços de circulação funcional ou de acesso restrito, para se constituírem como lugares de encontro, convivência intercultural e reconhecimento simbólico. As apresentações do grupo, nesse sentido, contribuem para a ampliação do repertório cultural da cidade ao introduzir novas formas de presença Roma/cigana em circuitos institucionais, tensionando hierarquias espaciais e culturais estabelecidas. Ao mesmo tempo, a integração de *performances* artísticas Roma/ciganas em iniciativas desta natureza possibilita o contacto entre diferentes atores sociais e outras realidades culturais, ao mesmo tempo que aproxima

os moradores do bairro de instituições diretamente envolvidas em processos de decisão política e gestão territorial.

Além de promover a construção de uma identidade coletiva a partir de suas vivências, a dança pode também promover meios para o desenvolvimento da expressividade dos jovens envolvidos (Yijun, 2025), uma vez que a identidade se manifesta como um processo dinâmico e situado, atravessado por experiências culturais específicas e por relações de poder que articulam subjetividades individuais e narrativas coletivas (Brah, 2006). Assim, os marcadores sociais que compõem as identidades, como ser criança ou jovem Roma/Cigano, ser dançarino ou dançarina, ser morador do bairro Horta da Areia, são mobilizados nos modos como ocupam os espaços e como constroem formas situadas de pertencimento e reconhecimento social.

Considerações finais

Esta investigação sociológica, ancorada na etnografia, evidencia, a partir das *performances* de dança, como as condições materiais vividas pela população Roma/Cigana (em particular a segregação territorial) se articulam com formas simbólicas de pertencimento, controle social e produção de identidade. Destaca-se ainda a complexidade das práticas frequentemente designadas como "resistência" nos discursos políticos, uma vez que *performance*s como a aqui analisada, mesmo não carregando um cariz expressamente político, também tornam visíveis os desafios relacionados ao direito à cidade e à cidadania cultural, ao mobilizarem, simultaneamente, formas de expressão estética e reivindicação de reconhecimento social.

Além disso, o caso analisado permite observar o potencial da arte enquanto instrumento de políticas de inclusão urbana, promovendo visibilidade. As *performances* deslocam a presença Roma/cigana para espaços institucionais centrais da cidade, reconfigurando, ainda que temporariamente, os modos como esses sujeitos são percebidos e reconhecidos no espaço público urbano, uma vez que se deslocam de contextos com sociabilidades mais delimitadas no perímetro do bairro para espaços associados à validação cultural, académica e política.

Neste processo, observa-se que a arte atua como mediação concreta entre periferias urbanas e centros institucionais, permitindo a circulação de sujeitos, narrativas e formas de legitimidade. Ao mesmo tempo, estas dinâmicas revelam a articulação entre práticas artísticas e políticas públicas culturais e educativas, na qual a inclusão vai além do acesso a equipamentos ou programas, envolvendo a possibilidade de participação ativa na produção de sentidos sobre a cidade e sobre a própria cidadania. Nesse sentido, a arte opera como um dispositivo relacional que tensiona as fronteiras entre centro e periferia, contribuindo para a reconfiguração das formas de visibilidade, reconhecimento e pertença no espaço urbano.

Do ponto de vista teórico, o estudo reforça a compreensão do espaço urbano como produção social e relacional, evidenciando o papel da *performance* na reconfiguração de fronteiras simbólicas, embora seja importante considerar que os resultados aqui apresentados se baseiam num recorte específico de contextos performativos, sugerindo-se a pertinência de investigações futuras em outros territórios e práticas semelhantes.

Nota

Este texto inscreve-se no Plano de Trabalho conducente a uma tese de doutoramento, tendo obtido financiamento por parte de fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., projeto com a referência 2025.05626.BD e com o identificador DOI https://doi.org/10.54499/2025.05626.BD.

Referências bibliográficas

ANDERSON, B. (1993), *Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo* (E. L. Suárez, Trad.), Fondo de Cultura Económica.

ATERIANUS-OWANGA, A.; DJEBBARI, E.; & SALZBRUNN, M. (2019), "Introduction: Towards an anthropology of music and dance performances in a transnational context", *Revue européenne des migrations internationales,* 35(3–4). https://doi.org/10.4000/remi.14732

BRAH, A. (2006), "Diferença, diversidade, diferenciação", *Cadernos Pagu,* 26, pp. 329–376. https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100014

BENZECRY, C. E. (2023), "How do you know? Seven theses on qualitative sociology as theory and method", *International Sociology*, 38(1), pp. 5-21. https://doi.org/10.1177/02685809221143980

CASA-NOVA, M. J. (2021), "Reflecting on public policies for Portuguese Roma since implementation of the NRIS: Theoretical and practical issues", *Journal of Contemporary European Studies,* 29(1), pp. 20–32. https://doi.org/10.1080/14782804.2021.1877119

CASTRO, A. (2007), "Dos contextos locais à invisibilização política: Discussão em torno dos ciclos de exclusão habitacional dos ciganos em Portugal", *Cidades, Comunidades e Territórios*, (15), pp. 63–86. http://hdl.handle.net/10071/3306

COSTA, A. F. da. (1987), "Pesquisa de terreno em sociologia", In J. Madureira Pinto & A. S. Silva (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 129-148.

FERREIRA, A. C. da C. (2014), *Viver num bairro social e as relações de vizinhança: Um estudo sociológico no bairro de Santa Tecla*, Tese de Mestrado em Sociologia, Braga, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. https://hdl.handle.net/1822/34228

GOLD, R. L. (1997), "The ethnographic method in sociology", *Qualitative Inquiry*, 3(4), pp. 388–402. https://doi.org/10.1177/107780049700300402

GUERRA, I. C. (2008), *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*, Parede, Princípia.

HANNA, J. L. (1999), *Dança, sexo e gênero: Signos de identidade, dominação, desafio e desejo*, Editora Rocco.

KAEPPLER, A. L. (2000), "Dance ethnology and the anthropology of dance", *Dance Research Journal*, 32(1), pp. 116–125. https://doi.org/10.2307/1478285

LEFEBVRE, H. (1991). The Production of Space. (D. Nicholson-Smith, Trans.). Cambridge, MA: Blackwell.

LORENZONI, J. (2018), *Memórias da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul*, Trabalho de conclusão de Licenciatura em Dança, Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. http://hdl.handle.net/10183/193918

MAGANO, O. (2010), *Tracejar vidas normais: Estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Porto, Universidade Aberta. https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1750

MAGAZZINI, T. (2016), "Cultural institutions as a combat sport: Reflections on the European Roma Institute", *The Age of Human Rights Journal,* 7, pp. 50–76. https://doi.org/10.17561/tahrj.n7.9

MARTINS, V.; & LUCIO-VILLEGAS, E. (2014), "Teatro do oprimido como ferramenta de inclusão social no bairro", *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Ciganos na Península Ibérica e Brasil: estudos e políticas sociais, pp. 57-75.

MENDES, M. M. (2005), *Nós, os ciganos e os outros: Etnicidade e exclusão social*, Livros Horizonte.

MENDES, M. M. (2015), *Nos interstícios das sociedades plurais e desigualitárias: A situação social dos ciganos. Modelos e projetos de inclusão social,* Escola Superior de Educação de Viseu. ISBN 978-989-96261-4-0.

NADER, l. (2011), "Ethnography as theory", *HAU, Journal of Ethnographic Theory,* 1 (1), pp. 211–219.

NIEVAS, A. D. V. (2023), "Nomadic bodies: From their intermittent invisibility to their permanent persistence — The story of a nomadic Cigano/Roma family in its transit through Montemor-o-Novo, Portugal in (post)pandemic times", *Social Sciences,* 12, 196. https://doi.org/10.3390/socsci12040196

PARK, R. E. (1915), "The city: Suggestions for the investigation of human behavior in the city environment", *American Journal of Sociology,* 20(5), pp. 577–612. https://doi.org/10.1086/212433

PEREIRA BASTOS, J. G. (2020), "From negative visibility to positive invisibility – Who needs to use Gypsies [Roma] as the anti-citizens of civilized Europe?", *Journal of Gypsy Studies*, 2(1), pp. 3–38. https://doi.org/10.33182/jgs.v2.i1.906

POWELL, R.; & LEVER, J. (2015), "Europe's perennial 'outsiders': A processual approach to Roma stigmatization and ghettoization", *Current Sociology*, 65(5), pp. 680–699. https://doi.org/10.1177/0011392115594213

SANJEK, R. (2001), "Field observational research in anthropology and sociology", In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*, Pergamon, pp. 5620–5625.

SCHECHNER, R. (contribuição de Lucie, S.) (2020), *Performance studies: An introduction* (4th ed.), Routledge.

SHAY, A.; & SELLERS-YOUNG, B. (2016)**,** "Dance and ethnicity", In A. Shay & B. Sellers-Young (Eds.), *The Oxford handbook of dance and ethnography* (Vol. 1), Oxford University Press, pp. 1-14. https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199754281.013.38

SURDU, M.; & KOVATS, M. (2015), "Roma identity as an expert-political construction", *Social Inclusion*, 3(5), pp. 5–18. https://doi.org/10.17645/si.v3i5.245

SWAIN, J.; & KING, B. (2022), "Using Informal Conversations in Qualitative Research", *International Journal of Qualitative Methods*, 21, 16094069221085056. https://doi.org/10.1177/16094069221085056

VITALE, T. (2018), "Territorialidade, conflito e integração nos estudos urbanos dos ciganos de Portugal: Mecanismos sociais e implicações nas políticas públicas", In A. Castro (Org.), *Na luta pelos bons lugares: Ciganos, visibilidade social e controvérsias espaciais,* Alto Comissariado para as Migrações. Coleção Olhares, nº 9, pp. 11-20.

YIJUN, L. (2025), "Dance as a cultural expression: Intersection of tradition and innovation", *Interdisciplinary Cultural and Humanities Review*, *4*(1), pp. 26–35. https://doi.org/10.59214/cultural/1.2025.27

Emanuelle Maia de Souza.
OpenSoc. CAPP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), Universidade de Lisboa. Rua Almerindo Lessa, 1300-663, Lisboa, Portugal. ORCID ID: 0009-0001-4946-0310.
E-mail: esouza@iscsp.ulisboa.pt

MAIA DE SOUZA, Emanuelle (2026),
"O Bairro além do Bairro: *performance* e ocupação urbana do grupo de dança "Los Niños",
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LV, pp. 77 – 103.
DOI: https://doi.org/10.21747/08723419/soc55a3